

EM ISTAMBUL, OS PALÁCIOS, AS MESQUITAS E MUSEUS FALAM POR SI SÓ E SIMBOLIZAM TODO O ESPLENDOR DAS CULTURAS BIZANTINA E OTOMANA.

CADA UMA EXIBE SEUS TALENTOS E SUAS GLÓRIAS, NUMA LUTA QUE RESULTOU NUM DIÁLOGO DE BELEZA, ESPLENDOR E RIQUEZA.

ENTRE AS REPRESENTANTES DESTA HISTÓRIA ESTÃO A BASÍLICA DE SANTA SOFIA, A MESQUITA DE SULTANAHMET (MESQUITA AZUL), A MESQUITA DE SÜLEYMANIE, O PALÁCIO DE TOPKAPI, O PALÁCIO SUBMERSO E DEZENAS DE MARAVILHAS.



TURQUIA V Em seu livro “*As Cidades Invisíveis*”, Ítalo Calvino escreveu: “*Se um edifício não contém nenhuma insignia ou figura, a sua forma e o lugar que ocupa na organização da cidade bastam para indicar sua função*”. Em Istambul, os palácios, as mesquitas e museus falam por si só e simbolizam todo o esplendor das culturas bizantina e otomana, cada uma exibindo seus talentos e suas glórias, numa luta que resultou num diálogo de beleza, esplendor e riqueza. Entre as representantes desta história estão a Basílica de Santa Sofia, a Mesquita de Sultanahmet (Mesquita Azul), a Mesquita de Süleymanie, o Palácio de Topkapi, o Palácio Submerso e dezenas de maravilhas arquitetônicas que Istambul oferece.

SANTA SOFIA Destruída e reconstruída várias vezes ao longo da sua história, a basílica de Santa Sofia (igreja da Sagrada Sabedoria) continua impressionando a todos que cruzam as suas portas. Magnífica, divina, grandiosa Aysofya, como é chamada, impacta, emociona e encanta. O pátio ajardinado que rodeia o edifício está repleto de restos arqueológicos. Entre eles, destacam-se os escombros da antiga Santa Sofia, levantada por Teodósio II, e as ruínas do campanário latino, levantado na época das Cruzadas. A igreja atual é a terceira erguida com o mesmo nome e no mesmo lugar. A primeira foi construída por Constantino, no ano 360, e foi destruída por um incêndio em 404. A segunda foi edificada por Teodósio II, no ano 415, e também ardeu em fogo em 532. Em 537, coube a Justiniano reerguer Santa Sofia como a conhecemos hoje. As obras foram confiadas aos arquitetos Antêmio de Tralles e Isidoro de Mileto. Santa Sofia foi a catedral de Constantinopla e centro da vida religiosa do Império Bizantino por quase mil anos.

BASÍLICA, MESQUITA E MUSEU A partir de 1453, quando os turcos otomanos tomaram Constantinopla, Mehmet II deu ordens para convertê-la em mesquita. A partir daí, cada um dos sultões foi incluindo novos adereços ao edifício. Mehmet, o Conquistador levantou minaretes a sudeste. Coube a Beyazid os minaretes do noroeste e a Murat III dois minaretes no lado ocidental. No século XVIII, os sultões decidiram cobrir com cal os mosaicos bizantinos. Somente em 1847, Abdül Mecid encarregou os arquitetos suíços, da família Fossati, de restaurarem o edifício e seus mosaicos originais. A restauração definitiva aconteceu em 1935, quando Atatürk, o republicano que expulsou os otomanos em 1923, decidiu transformar a basílica em museu devolvendo ao templo seu aspecto original.

MOSAICOS BIZANTINOS Pouco restou dos preciosos mosaicos que um dia adornaram o interior de Santa Sofia. Um dos mais bonitos e que existem até hoje é o da Virgem Maria com o Menino Jesus. Outros representantes do passado bizantino são os arcanjos Gabriel e Miguel e os santos Ignácio, o Jovem, Crisóstomo e Ignácio Teóforo. Na base da cúpula, da nave central, chamam a atenção os serafins de seis asas. Cobertos de plumas escuras e eriçadas, eles ocupam o alto da nave sinalizando uma posição de alerta e proteção.

HAGHIA SOFIA X SULTANAHMET A Basílica de Haghia Sofia é uma verdadeira proeza arquitetônica. Sua cúpula, com 55,6 metros de altura e um diâmetro de mais de 31 metros, constitui um desafio para os conhecimentos de arquitetura da época. Suas proporções grandiosas só foram superadas muitos séculos depois, nas catedrais de Milão e St. Paul, em Londres. Sua planta baixa foi considerada inovadora e posteriormente influenciou a arquitetura muçulmana. Sua beleza e grandiosidade fizeram com que o sultão Ahmet I desejasse construir uma mesquita que superasse as qualidades da basílica bizantina. Assim nasceu a Mesquita de Sultanahmet, um dos ícones de Istambul.

LE CORBUSIER Tantos edifícios espetaculares reunidos numa única cidade desperta entre os artistas e arquitetos o desejo de ver de perto estas maravilhas. Assim, por volta de 1911, Le Corbusier planejou uma viagem ao oriente, que posteriormente ele transformou em livro. Um terço do texto ele dedica a Turquia, especialmente a Istambul, ao Bósforo e à arquitetura da cidade que ele começa descrevendo assim: “*Tinhamos vindo pelo mar... Estávamos no convés, cheios de expectativa, quando surgiram as Sete Torres (Castelo das Sete Torres – Yedikule). Depois foram as pequenas mesquitas, depois as grandes, e as ruínas dos palácios de Bizâncio; por fim, Santa Sofia e o Serralho (palácio de Topkapi). E entramos no Chifre de Ouro, entre Pera comandada pela torre dos Genoveses (torre de Gálata – 1348) e Istambul plantada de minaretes – cada uma num monte, face a face – e eu estava violentamente emocionado, pois viera para adorar essas coisas que sabia tão belas*”.